

# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>



*Arquivo Historico Portuguez*, Lisboa, 1903-1917

Iniciada a publicação em 1903, o *Arquivo Historico Portuguez* teve uma periodicidade mensal (por fascículos) até 1916/17, mas com um pequeno interregno entre 1910-1914, consequência da transição de regimes. Posteriormente, veio a ser agrupada em 11 volumes (com um preço avulso de 4\$800 reis). Iniciativa de Anselmo Braamcamp Freire e D. José da Silva Pessanha, que foram os seus directores, o *Arquivo* assume um lugar de relevo no panorama das publicações periódicas sobre História em Portugal, sendo consensualmente entendida como a primeira revista de História no país, no sentido historiográfico de especialidade. A publicação do *Arquivo* em muito ficou a dever aos seus promotores principais, que em grande medida permitiram uma relativa longevidade da revista (inclusivamente no suporte financeiro). Não foi por acaso que os seus directores exerciam actividade ligadas ou vieram a distinguir-se no campo dos estudos históricos, nas suas múltiplas vertentes: por exemplo, Silva Pessanha era conservador da Torre do Tombo e A. Braamcamp Freire, que à data ainda não tinha publicado grande parte das obras pelas quais veio a ficar conhecido, era, mesmo assim, uma figura proeminente da cultura política portuguesa (Par do reino, já tinha exercido cargos públicos na administração local - veio depois a desempenhar na I República cargos de relevo).

Na «Advertência» publicada no primeiro número, com o intuito de expor os princípios subjacentes à revista, e assinada pelos directores, podemos enumerar os seguintes aspectos: i) uma crítica ao estado de conservação e da organização das fontes históricas, "Em países onde a História é, e tem sido, estudada a valer, onde os arquivos e bibliotecas se encontram ordenados por forma que facilita as buscas dos estudiosos (...) mas entre nós, infelizmente, não sucede assim" (*AHP*, vol. I, p. V); ii) concomitantemente, uma crítica ao ambiente ou à dinâmica historiográfica que se registava na altura e uma crítica social, em que se expunha - embora muito epidermicamente, diga-se - a ideia de «decadência», conceito muito em voga numa parte da cultura política (e historiográfica) do último quartel de oitocentos, "A indiferença geral pelos estudos históricos, que domina ainda hoje em Portugal, é mais um sintoma de decadência profunda em que as gerações presentes caíram. Ofusca-as a independência e altivez de muitas das pretéritas, e, para não terem de corar, preferem ignorar. Será talvez por isto que os estudos históricos são tão



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

desprezados entre nós, e tão pouca animação encontram no públicos, que, mal educado, toma contudo às vezes por ouro de lei o que não passa de mais ou menos brilhante ouropel." (*Idem*, p. VI). Deste modo, os promotores do *Arquivo* entenderam como universo alvo um público especializado, de académicos ou eruditos, "Não é pois para ele, para o público, que este Arquivo se destina; é exclusivamente para os estudiosos." (*Idem*, p. VI). Esta revista contrastava, assim, com a herança de várias publicações periódicas generalistas e para o grande público que começaram a aparecer a partir da década de 1830 (por exemplo, *O Panorama*), em que encontramos uma importante parte dedicada a assuntos históricos, mas também a outras matérias.

A crítica ao estado em que se encontravam os estudos históricos em Portugal veio posteriormente a ser recuperada, mais uma vez, por A. Braamcamp Freire, na «Advertência» à sua colectânea *Crítica e História - Estudos* (1910), que juntou vários estudos publicados pelo próprio, entre 1901 e 1902, no *Jornal do Commercio*, de Lisboa, com o pseudónimo de Silex. Note-se que a sua crítica não incidia na falta de publicação de fontes, "Documentos, vão-se hoje publicando entre nós bastantes" (*Crítica e História - Estudos*, 1996, p. III) (estaria já a pensar, entre outros projectos, no contributo do *Arquivo* neste ponto?), mas sim na qualidade destas para se fazer a «história social» que o autor considerava como a "[especialidade] mais interessante certamente da história" (*Idem*, p. III), e essencialmente para a transição do século XV para o XVI.

A «Advertência» dos promotores deixava também a antever a orientação historiográfica que iria modelar a revista: "enviem-nos a nota dos documentos encontrados e extractados, venha ela acompanhada de excelentes artigos, ou sozinha, sem mais realce do que o da própria valia" (*Idem*, pp. VI-VII). Apesar de algumas excepções, como as colaborações de João Lúcio de Azevedo ou de Costa Lobo, no *Arquivo* prevaleceu a linha historiográfica da escola metódica, como notou José Amado Mendes, com maior ênfase dado aos factores políticos e à divulgação de fontes, maioritariamente de história nacional. Mais: "a própria actividade, de arquivistas e paleógrafos, exercida por alguns colaboradores - como Pedro de Azevedo e António Baião - acabava por favorecer esse tipo de preocupações. A orientação do *Arquivo* assemelhava-se à da prestigiada revista francesa *La Revue Historique*, fundada por Gabriel Monod, em 1876" (J. A. Mendes, "Revistas de História", pp. 213). A orientação do *Arquivo*, tendo em conta os seus objectivos, concepções e, em grande medida, os seus colaboradores, representava, assim, a preocupação erudita e documental dos estudos históricos. Em certo sentido, era assumida uma continuidade do trabalho desenvolvido por Alexandre Herculano (e outros), historiador com grande influência em Anselmo Braamcamp Freire. Por exemplo: este último chegou a dirigir na Academia das Ciências de Lisboa o projecto dos *Portugaliae Monumenta Historica*. Não obstante, e apesar da sua importância, o modelo de revista proposto pelo *Arquivo*, e ainda muito em voga na época, começava a mostrar algum desgaste - ou, pelo menos, começaram a aparecer outros modelos de revista complementares. Neste sentido, embora com outros



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

propósitos mais ambiciosos, é revelador o aparecimento da *Revista de História* (1912-28), órgão da Sociedade Portuguesa de Estudos Históricos, e sensivelmente coeva do *Arquivo*, que apresentava já uma estrutura moderna - com três secções: «Artigos», «Facto e Notas» e «Recensões».

Numa observação geral dos conteúdos da revista notamos que a publicação de fontes constituiu o grosso dos contributos, assumindo assim a lógica de «arquivo». Tal facto foi, sintomaticamente, reforçado alguns anos após o 1º número pelo administrador da revista, Fernando Brederode, "O *Arquivo Historico* não é uma revista de leitura amena para recreio em horas de ócio; essa não é a sua índole e esta se tem mantido. Ele deve principalmente ser, e tem sido, um repositório de fontes seguras para o estudo da Historia pátria" (*AHP*, vol. IV, p. V). A juntar, o universo de colaboradores do *Arquivo* foi relativamente extenso e com figuras importantes do meio cultural e historiográfico de então. Para além dos já aqui citados, vemos, por exemplo, Maximiano Lemos, Sousa Viterbo, Júlio Castilho, Vítor Ribeiro e figuras estrangeiras, como Edgar Prestage ou J. Denucè. De realçar que dentro deste grupo encontramos a colaboração de uma mulher, Carolina Michaëlis de Vasconcelos.

O universo diversificado de colaboradores permitiu que o leque temático no *Arquivo* fosse bastante amplo. É visível um tratamento contínuo sobre o período da Expansão e Descobrimentos, com um número assinalável de contributos, muitos dos quais de Pedro de Azevedo, A. Braamcamp Freire e Sousa Viterbo, com mais de 30 títulos cada um (Maria Sidónia Tavares, *Descobrimentos e navegações no Arquivo Historico Portuguez*, p. 26). Outros temas que à data se encontravam pouco desenvolvidos pela historiografia portuguesa mereceram espaço nas páginas do *Arquivo*. São os casos, a título de exemplo, de estudos de fundo económico mas também tecnológico, como o de Victor Ribeiro «Artes e Indústrias em Portugal no século XVIII» (vol. IX, 1914); do contínuo estudo sobre a Inquisição, de António Baião «A Inquisição em Portugal e no Brasil» (vol. V, 1907 e vol. VI, 1908); do interessante estudo de Pedro A. de Azevedo «Os ciganos em Portugal no séc. XVI e XVII» (vol. VII, 1909); ou de um curioso estudo sobre o "feminismo", de A. Costa Lobo «Um campeão do feminismo no século XV» (vol. II, 1904). Uma menção igualmente importante para o estimulante trabalho de João Lúcio de Azevedo sobre o sebastianismo, obra publicada em 1918, mas que aparece já bastante desenvolvida nas páginas do *Arquivo*, «A evolução do sebastianismo» (vol. X, 1916). A tendência para a especialização, com o tratamento sistemático de determinados temas, foi assim patente no *Arquivo* (J.A. Mendes, "Revistas de História", p. 213). Também revelador desta dinâmica historiográfica foi a opção pelos estudos biográficos, bem patente na revista, com diversificados exemplos como os de Francisco Leitão Ferreira «Notícias da Vida de André de Resende» (vol. III e IX) ou de Edgar Prestage «D. Francisco Manuel de Mello. Documentos biográficos» (vol. VII, 1909).

A estrutura interna do *Arquivo* era relativamente simples: apresentava sempre, na página inicial, um pequeno «Sumário» dos autores e dos seus artigos no volume. Cada um tinha igualmente importantes

# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

índices alfabéticos e cronologias (nas últimas páginas), sendo estes essencialmente fruto da persistência metódica de A. Braamcamp Freire e que constituíam, sem dúvida, uma útil ferramenta de trabalho ou de pesquisa rápida - casos houve, como em 1910, em que a publicação se atrasou por estes índices não estarem concluídos. Aliás, a feitura de índices, sobre diferentes temas ou objectos, veio a ser uma marca na produção historiográfica de A. Braamcamp Freire, como sintomaticamente referiria António Baião anos mais tarde (*Elogio Histórico de A. Braamcamp Freire*, 1925, p. 7). Há no entanto um volume que merece particular destaque, o IV, de 1906: este apresenta não só um pequeno relatório de contas, em que podemos observar que as finanças do *Archivo* eram (cronicamente?) deficitárias (*Archivo*, vol. IV, pp. VI-VII), mas também uma interessante lista de assinantes da revista (aparece outra, mais reduzida, no volume a seguir), em que é assinalável uma relativa diversidade geográfica, quer nacional como estrangeira (mas também a nível institucional).

Desconhece-se os motivos porque a publicação do *Archivo* acabou abruptamente.

**Fonte:** *Archivo Historico Portuguez*, 11 vols., Lisboa, 1904-1916. (volumes 1, 4, 5 e 6 disponíveis online in <https://archive.org/details/arquivohistoric00pessgoog>)

**Bibliografia:** BAIÃO, António, *Elogio Histórico de A. Braamcamp Freire*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1925; CUNHA, Rosalinda, *Repertório de Revistas Portuguesas de História, 1818-1974*, Separata da Revista da Biblioteca Nacional, nº 2, 1981; FREIRE, Anselmo Braamcamp, *Crítica e História, Estudos*, vols. I-II, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1996 [1910]; MENDES, José Amado, "Revistas de História", in CATROGA, Fernando, TORGAL, Luís Reis, MENDES, José Amado, *História da História em Portugal, séculos XIX-XX*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1996, pp. 211-214; *Revistas Portuguesas de História e Ciências Correlativas, Inventário Bibliográfico*, Lisboa, Sociedade Portuguesa de Estudos Históricos, 1915; TAVARES, Maria Sidónia, *Descobrimentos e navegações no Archivo Historico Portuguez*, Dissertação de Mestrado, FLUL, Lisboa, 2011.

Ricardo de Brito



APOIOS:

**FCT**  
Fundação para a Ciência e a Tecnologia

**BNP** BIBLIOTECA  
NACIONAL  
DE PORTUGAL

FUNDAÇÃO  
LUSO-AMERICANA